

INTRODUÇÃO: DOR, MEDO E AVERSÃO

Eu não tive nenhum aumento de salário desde há mais de oito anos, mas tudo o resto tem subido, de modo que não consigo ver como é que estou melhor. Tentei arranjar outro emprego mais bem pago, mas como estou velha demais tenho de ficar onde estou. O meu marido perdeu o emprego há dois anos e conseguiu arranjar outro, mas são 45 quilómetros em cada sentido e custa uma fortuna em combustível — conta para a reforma, ou talvez não. Nós estamos a sobreviver à justa!

Dyeb, respondendo a alegações de que os padrões de vida na Grã-Bretanha estão a subir, 2014¹

Eu tive uma vida melhor do que os meus pais e eles tiveram uma vida melhor do que os meus avós. Vim aqui protestar porque receio que o mesmo possa não ser verdade para os meus filhos.

Manifestante em Portugal, 2012²

Quais passageiros de uma escada rolante, durante décadas os britânicos e os outros europeus desfrutaram sem esforço aparente de aumentos nos padrões de vida, ano após ano. As economias em expansão e a crescente despesa social animavam quase toda a gente. Cada geração podia ambicionar vidas muito melhores do que as anteriores. Porém, nos últimos anos, esta escada rolante do crescimento avariou-se. Já há

1 http://www.bbc.co.uk/news/uk-politics-25869001?postId=118503118#cosmment_118503118

2 <http://www.ft.com/cms/s/0/132e4706-001a-11e2-831d-00144feabdc0.html>

algum tempo que ela rangia: a partir da viragem do século, o crescimento da produtividade foi vagaroso na maior parte da Europa — e os aumentos dos salários mais lentos ainda. Mas a acumulação de dívida forneceu um impulso artificial, enquanto os efervescentes preços das casas e as artimanhas financeiras cegavam as pessoas aos riscos. Depois a crise financeira e o pânico na zona euro encravaram a engrenagem e a escada rolante entrou em retrocesso. A longa quebra e os subsequentes cortes orçamentais dos governos puseram à mostra o abismo entre os poucos afortunados — e por vezes indignos — que continuam a prosperar e a maioria dos que passam por dificuldades. Muitas pessoas decaíram bastante —, sobretudo os vinte e seis milhões de europeus que estão sem trabalho, muitos deles por muito tempo.³ Na Grã-Bretanha, os salários reais caíram em quase um décimo.⁴ Um típico agregado familiar britânico não está mais rico do que há uma década.⁵ Até a tão elogiada escada rolante alemã se imobilizou. O alemão médio ganha uma fração a menos daquilo que ganhava há quinze anos.⁶

Algumas partes da Europa têm estado em queda livre. Na Grécia, onde o rendimento nacional diminuiu em um quarto, as crianças vasculham os caixotes do lixo em busca de restos de comida, enquanto os hospitais têm falta de medicamentos.⁷ Em Espanha, onde mais de uma em cada quatro pessoas estão desempregadas, o suicídio é agora a principal causa de morte após as causas naturais.⁸ Na Irlanda, onde os

3 http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php/Unemployment_statistics. Em janeiro de 2014, havia na UE 26,2 milhões de desempregados.

4 Entre março de 2008 e dezembro de 2013, o salário médio semanal subiu de £439 para £478. Durante o mesmo período, a inflação dos preços ao consumidor foi de 19,5 por cento. Por isso, o salário real caiu em 8,9 por cento. Office for National Statistics, rendimento médio semanal — salário total, ajustado sazonalmente; deduzido pelo índice de preços ao consumidor de todos os artigos.

5 Segundo o Gabinete Nacional de Estatística britânico, o rendimento médio disponível equivalido dos agregados familiares em 2012 não era superior ao de 2004. Embora não estejam disponíveis números mais recentes, é provável que os rendimentos médios tenham continuado a cair. http://www.ons.gov.uk/ons/dcp171776_341133.pdf

6 Gabinete Federal de Estatística da Alemanha, índice de salários reais, janeiro de 2010 = 100. O índice para 1999 é 102,1; o índice para 2012 é 101,7. Os números provisórios sugerem que os salários reais caíram mais 0,2 por cento em 2013. <https://www.destatis.de/DE/ZahlenFakten/GesamtwirtschaftUmwelt/VerdiensteArbeitskosten/RealloehneNettoverdienste/RealloehneNettoverdienste.html> https://www.destatis.de/DE/Presse-Service/Presse/Pressemitteilungen/2014/02/PD14_058_623.html

7 <http://www.nytimes.com/2013/04/18/world/europe/more-children-in-greece-start-to-go-hungry.html>

8 <http://www.theguardian.com/world/2013/sep/05/spanish-helpline-rise-callers-considering-suicide>

preços das casas caíram para metade, quase um em cada cinco proprietários de imóveis está atrasado no pagamento das hipotecas das suas casas depreciadas, embora para o povo irlandês o custo do resgate aos bancos que concederam todos os maus empréstimos hipotecários ascenda a €14 000 por cabeça.⁹ Em Itália, mais de dois em cada cinco jovens estão sem trabalho; na Grécia e em Espanha, são quase três em cada cinco.¹⁰ Em toda a Europa, há quinze milhões de pessoas com menos de trinta anos que não estão no emprego, nem na educação.¹¹ Está a formar-se uma geração perdida. Será de surpreender que desde a crise os jovens europeus estejam a ter ainda menos bebés e que alguém emigre de Portugal a cada quatro minutos?¹²

Felizmente, as perspetivas parecem menos sombrias do que em 2012, quando o pânico assolava os mercados e o euro parecia à beira do colapso. Finalmente a maioria das economias europeias está a crescer de novo, enquanto os mercados são animados por dinheiro fácil. Mas após a mais longa e mais profunda recessão desde a Grande Depressão da década de 1930, e mesmo com um apoio monetário excepcional, a recuperação é a mais frágil de que há registo. Grande parte da Europa continua atravancada com bancos falidos e dívidas esmagadoras. A maior parte da Europa sofre de um investimento ao nível mais baixo de sempre e de um débil crescimento da produtividade. Toda a Europa está a envelhecer rapidamente — e sem a imigração as forças de trabalho da maioria dos países tendem a diminuir. Por isso a Europa parece destinada a uma prolongada lentidão e ao declínio global. De um modo deprimente, uma esmagadora maioria dos europeus — tanto os britânicos como os franceses, os alemães tal como os espanhóis — crê que os seus filhos terão uma vida pior do que eles.¹³

9 Os números para os atrasos nas hipotecas vêm de <http://www.centralbank.ie/press-area/press-releases/Pages/ResidentialMortgageArrearsandRepossessionsStatisticsQ42013.aspx> O custo direto do resgate irlandês aos bancos foi de €64 mil milhões. Em 2012 a população da Irlanda era de 4,58 milhões.

10 Eurostat, taxa de desemprego harmonizada para pessoas entre os 15 e os 24 anos, dezembro de 2014. Código:teilm021

11 <http://www.ft.com/cms/s/0/34e7f42a-da88-11e2-8062-00144feab7de.html>

12 http://www.demogr.mpg.de/en/news_press/press_releases_1916/economic_crisis_lowers_birth_rates_3250.htm Os números da emigração portuguesa são um cálculo pessoal baseado nos dados em <http://www.bbc.co.uk/news/world-21206165>

13 http://www.debatingeurope.eu/2013/05/17/new-poll-dramatic-rise-in-pessimism-in-the-eu/#.Uk_yuYbrzIY

O que correu mal com as economias da Europa? Porque é que a recuperação da crise financeira demorou tanto tempo? Porque é que o euro quase entrou em colapso — e ainda poderá vir a fazê-lo? A estagnação e o declínio são inevitáveis? Se é possível um futuro melhor, o que precisa de ser feito? Deverá o resto da Europa tentar imitar a Alemanha? Ou existirão melhores modelos económicos?

O presente sofrimento económico e medo do futuro também estão a envenenar a política. Muitas pessoas perderam a fé nos políticos que aparentemente se governam a si próprios, nos tecnocratas e nas elites em geral, todos os quais não conseguiram até agora resolver a crise, e muito menos definir uma visão convincente de um futuro melhor. As tensões sociais no interior dos países estão a multiplicar-se, bem como os atritos políticos entre estes. A compreensível raiva para com a flagrante injustiça dos resgates para os banqueiros ricos e dos cortes no orçamento para os alunos pobres sobrepõe-se a uma desprezível tendência para transformar em bodes expiatórios os estrangeiros, em particular os imigrantes. Os escoceses irão a votos em setembro de 2014 para saberem se hão de separar-se da Grã-Bretanha, os catalães da Espanha em novembro. Os alemães e os gregos atiram-se à garganta uns dos outros. O projeto que liga entre si os europeus — a União Europeia — nunca foi tão impopular; os britânicos poderão até votar pela saída. A principal conquista da União Europeia, o euro, é cada vez mais percebida como um colete de forças sadomasoquista. Esta disposição anti-instituições, antiestrangeiros, anti-UE, é um terreno fértil para os extremistas e os vendedores de banha da cobra. Nas eleições europeias de maio de 2014, os partidos xenófobos e reacionários como o UKIP da Grã-Bretanha e a Frente Nacional de França parecem encaminhados para um resultado excepcionalmente bom. Parece provável que a extrema-esquerda vença as eleições da Grécia. Um movimento anti-institucional encabeçado por um palhaço poderá ficar em primeiro lugar na Itália. O pior de tudo é que muitos estão a perder a fé na própria democracia.

Você está zangado por a economia ter sido levada a cair de um precipício, enquanto muitos dos responsáveis escaparam impunes? E está deprimido com o fracasso dos decisores políticos em melhorar as coisas? Está ansioso por as perspectivas para o futuro parecerem sombrias, e perturbado por a política estar a assumir um rumo desagradável? Está ávido de um catálogo alternativo e positivo para o progresso económico e social? Ou talvez suponha que as coisas tenderão a melho-

rar? Em qualquer caso, este livro é para si. *Primavera Europeia* explica o que está realmente errado nas economias da Europa e nas suas políticas — e como corrigi-las.

A Grande Divergência

Muitas vezes as economias levam tempo a recuperar de uma grande crise financeira — e não as há muito maiores do que esta mais recente. Os gastos das famílias permanecem deprimidos enquanto as pessoas tentam pagar as suas dívidas. Os bancos reduzem os seus empréstimos enquanto reparam os seus balanços. As empresas estão relutantes em investir quando a futura procura dos seus produtos é tão incerta. O capital e o trabalho não são instantaneamente reatribuídos a novas empresas e a setores da economia com potencial de crescimento. Mesmo assim, a Europa deveria ter efetuado um progresso mais rápido do que este.

Olhemos para o outro lado do Atlântico: embora a América tenha um mau desempenho segundo os seus próprios padrões, ela está a sair-se muito melhor do que a Europa. Ainda que a crise financeira haja tido origem nos Estados Unidos, desde então a economia deste país cresceu muito mais do que a da Alemanha, para nem referir a da Grã-Bretanha.¹⁴ O desemprego é muito inferior ao da maior parte da Europa e caiu para o seu nível mais baixo desde o final de 2008.¹⁵ A dívida das famílias caiu significativamente. Os bancos estão de novo a emprestar. As empresas começam a investir. Estão a emergir novas áreas de crescimento: a próxima vaga da revolução digital, um renascimento da indústria fabril alimentado por novas fontes de energia pouco dispendiosas, um surto de exportações para economias emergentes em rápido crescimento, como a China e o México.

Quando o colapso caótico de um banco de investimento americano, o Lehman Brothers, mergulhou a economia global numa queda em

14 No quarto trimestre de 2013, a economia dos EUA estava 7,3 por cento maior do que no primeiro trimestre de 2008, a da Alemanha estava 2,9 por cento maior e a da Grã-Bretanha estava 1,3 por cento mais pequena. Eurostat, produto interno bruto a preços de mercado, ajustado sazonalmente e ajustado a dias de trabalho, índice 2005=100. Código: namq_gdp_k

15 Em dezembro de 2013, o desemprego nos EUA estava em 6,7 por cento, a taxa mais baixa desde outubro de 2008. <http://data.bls.gov/timeseries/LNS14000000> Na UE, a taxa de desemprego era de 10,9 por cento em novembro de 2013. http://epp.eurostat.ec.europa.eu/statistics_explained/index.php?title=File:Unemployment_rates,_seasonally_adjusted,_November_2013.png&filetimestamp=20140108092325